



ALGUMA FLORESTA PARA ALGUÉM GUARDAR: UMA ANÁLISE DA FORMULAÇÃO GUARDIÕES DA FLORESTA NO DISCURSO DOS MADEIREIROS DE SINOP-MT

Adriano Eulálio Araújo

UNEMAT

E-mail: a.eulalio@hotmail.com

Débora Pereira Lucas Costa

UNEMAT

E-mail: deborajor@hotmail.com

RESUMO

Artimanhas para assustar intrusos fazem parte do imaginário de quem já ouviu falar em Curupira e Caipora, personagens das lendas brasileiras que garantiam o equilíbrio e a perpetuação das matas. A tarefa extrapola a literatura, acompanha a passagem do tempo. Guardiões da Floresta. É assim que se intitulam, desde 2010, os extrativistas que integram o Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso (Sindusmad), e essa é a formulação que interessa a esta pesquisa. A partir da Análise do Discurso materialista histórica busca-se compreender os sentidos que se instauram na construção das imagens do guardião e da floresta. A investida justifica-se pelo envolvimento do setor na constituição da região norte do Estado, após o desmate de grandes áreas de florestas, na década de 1960. Atualmente, o setor de base florestal se mantém como o quarto maior setor econômico no Estado. O corpus de análise dessa pesquisa é, assim, composto por duas entrevistas com madeireiros de Sinop e uma com a autora do livro *A Saga dos Guardiões da Floresta*, produzido pelo sindicato. A reflexão integra o projeto Leituras urbanas e suas materialidades discursivas socioambientais no Norte do Mato Grosso, da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Palavras-chave: Discurso. Madeireiros. Floresta. Economia.

SOME FOREST FOR SOMEONE TO GUARD: AN ANALYSIS OF THE FORMULATION GUARDIANS OF THE FOREST IN THE LUMBERMANN DISCOURSE OF SINOP-MT

ABSTRACT

Tricks to scare intruders are part of the imagination of those who have heard of Curupira and Caipora, characters of the Brazilian legends who guaranteed the balance and the perpetuation of the forests. The task goes beyond literature, accompanying the passage of time. Guardians of the Forest. This is how the extractivists who are members of the Union of Wood Industries of the North of the State of Mato Grosso (Sindusmad) are called, and this is the formulation that interests this research. From

the Historical Materialist Discourse Analysis we try to understand the senses that are established in the construction of images of the guardian and the forest. The investee is justified by the involvement of the sector in the constitution of the northern part of the state, after the deforestation of large areas of forest in the 1960s. Currently, the forest-based sector remains the fourth largest economic sector in the state. The corpus of analysis of this research is thus composed of two interviews with Sinop loggers and one with the author of the book *The Saga of the Guardians of the Forest*, produced by the union. The reflection integrates the project *Urban readings and their socio-environmental discursive material in the north of Mato Grosso*, State University of Mato Grosso.

Keywords: Discourse Analysis. Lumbermann. Forest. Economy.

INTRODUÇÃO

Atividades que envolvem o uso da madeira estão na origem histórica da humanidade. Se observarmos a linha do tempo, desde a pré-história, nos deparamos com o uso da madeira extraída das mais densas florestas para diversos fins: casas, armas, fogo, navegação e etc. Assim, desde os tempos remotos, a madeira é um artifício humano que o auxilia no campo econômico, social, ambiental, dentre outros.

No Brasil, o período colonial, liderado pelos portugueses, é a época onde a prática extrativista foi iniciada. As ricas matas e florestas nativas se transformaram em um Eldorado de onde Portugal extraia riquezas. Esse modelo de caráter exploratório desordenado, adentrou ao país, destruiu quase toda a costa brasileira, e foi até o continente, tal ação levou a extinção de algumas espécies nativas do território nacional. WEISSHEIMER (2012).

Já em Mato Grosso a atividade surge na década de 50 e ganha força como setor extrativista com a imigração de pessoas da região Sul do Brasil para o Estado, no Centro-Oeste. Incentivados pelo Governo Federal por meio de programas de povoamento, sendo eles executados por meio de empresas públicas, como o INCRA, ou privadas, as chamadas Colonizadoras, famílias se estabelecem ao longo das BRs 163, 364 e 070, cumprindo assim a integração das regiões. Os pioneiros que aqui chegaram já tinham de modo intrínseco a exploração da madeira, principalmente no que diz respeito a sua transformação de floresta em materiais de consumo. OLIVEIRA (2011).

E em Sinop a atividade surge no fim da década de 60 e atua como uma alternativa econômica para o desenvolvimento e fixação do migrante que aqui chegava.

O interesse em centrar este estudo no setor madeireiro justifica-se pelo envolvimento do setor na constituição da região norte do Estado, após o desmate de grandes áreas de florestas, nas décadas de 1950 e 1960. Atualmente, o setor de base florestal se mantém como o quarto maior setor econômico no Estado.

Moscovici (1976) explica que há diversas formas de representação sobre um objeto e esta ação é “cheia de fragmentos e contradições, com diferentes fontes e lugares, que estão em constante mudança e construção”, (MOSCOVICI, 1976, p.46) e é em espaços como a literatura, o cinema, o museu, a igreja, mídia entre outros, que

são construídos e circulam esses modos de ver. Assim, essa pesquisa tem como objeto de estudo a formulação “Guardiões da Floresta” e como a mesma se configura pelo discurso dos profissionais do setor madeireiro em Sinop, norte de Mato Grosso. O objetivo é compreender os sentidos que se instauram na construção das imagens do guardião e da floresta. Tomando como base a Análise do Discurso materialista histórica, representada aqui por Michel Pecheux e Eni Orlandi, investiga-se o *corpus* da pesquisa composto por duas entrevistas com madeireiros de Sinop e uma com a autora do livro *A Saga dos Guardiões da Floresta*, produzido pelo Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso (Sindusmad). Optou-se por um estudo qualitativo, uma vez que possibilita compreender, de maneira profunda, os fenômenos sociais e humanos em toda sua complexidade, observando assim, o processo pelo qual se dá a o discurso do madeireiro e em que momento surge a formulação Guardiões da Floresta. LAKATOS e MARCONI (2017).

Ao procurar observar nos discursos dos madeireiros os elementos que nos ajude a compreender esta formulação, este artigo estrutura-se da seguinte maneira: no primeiro bloco intitulado *Integrar para não Entregar – surge a atividade madeireira em Sinop, Mato Grosso*, reconstrói-se brevemente a trajetória do setor madeireiro no município. Para construir esse capítulo, foram utilizados, também, depoimentos colhidos em entrevistas realizadas com dois profissionais do setor, com vistas à compreender como eram as primeiras formas de trabalho ao chegar aqui, discutindo e analisando o seu movimento desde sua migração até sua fixação no Norte do estado de Mato Grosso. Aqui os trechos das entrevistas não são como *corpus*/material empírico, mas como procedimento para resgatar historicamente a trajetória destes

Na segunda parte, *De Vilões a Guardiões – o discurso do setor de base florestal em Sinop, Mato Grosso* – analisa-se qual o suporte para justificar a extração da madeira e como ora ele se vê/posiciona como vilão, ora como guardião da floresta.

Por fim, o bloco *Uma floresta para chamar de minha – explorar é manejar*, aborda-se a relação deles com a floresta, investigando o que vem a ser Floresta para eles e quais as suas formas de uso.

INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR – SURGE A ATIVIDADE MADEIREIRA EM SINOP, MATO GROSSO

O preenchimento de espaços vazios do Brasil, principalmente na época de governos militares, foi incentivado por políticas de integração em diversas frentes. Em se tratando, especificamente, deste processo na região amazônica temos duas ações fortes, e que resultaram em cidades prosperas ou em desenvolvimento, são elas: a Marcha para o Oeste, que de acordo com Lando (2002) foi a política desenvolvida por Getúlio Vargas a partir do final dos anos trinta, com objetivo de estender a fronteira econômica para as regiões menos desenvolvidas, procurando incentivar a migração para ocupar os espaços do Centro Oeste até a Amazônia e a Expedição Xingú, com objetivo principal de conhecer e desbravar as áreas que aparecem em branco nos mapas. Essas em destaque objetivavam a colonização da região norte do Mato Grosso.

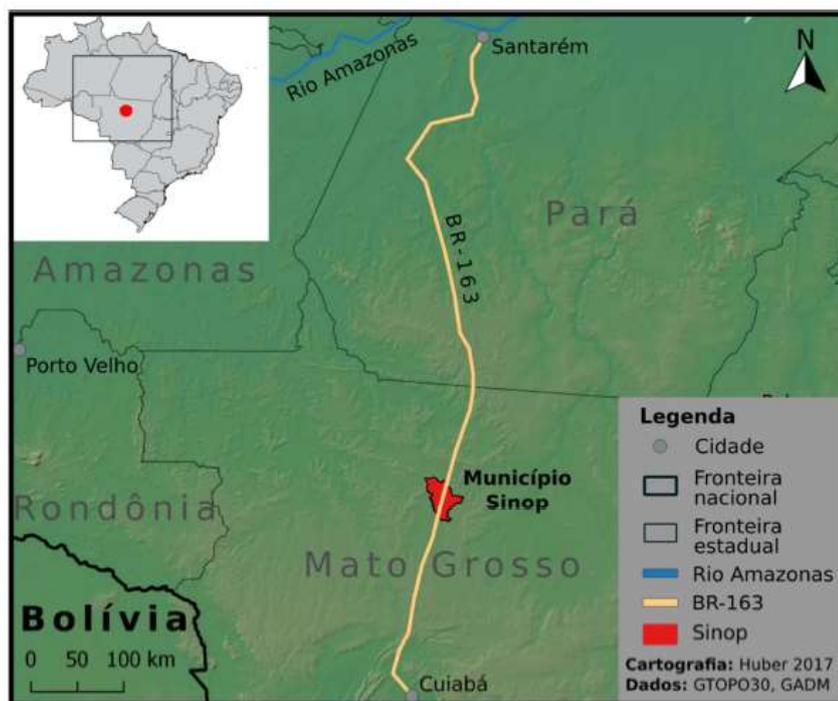


Figura 1 – Localização de Sinop no mapa de Mato Grosso.

Fonte: Huber e Coy (2017).

Segundo Souza (2001), essas práticas foram organizadas e, de modo estratégico, obtiveram êxito na integração do país.

A colonização, historicamente, foi utilizada no Brasil como estratégia oficial de povoação de novas terras, de responsabilidade oficial ou privada, com a venda ou a doação de terrenos nos Núcleos Coloniais, com a pretensão de povoar de “modo organizado” os “vazios demográficos” existentes. (SOUZA, 2001, p. 17).

Assim, a atividade de colonização tratava-se, principalmente, de uma estratégia para o controle do espaço amazônico que tinha por tripé: **Social, Econômico e Ambiental**. De acordo com Vilarinho Neto (2002), de início o viés **Social** se configura nos pioneiros, pequenos produtores rurais, advindos do Estado do Paraná que foram atraídos para o projeto e, mais tarde, migrantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina também passaram a fazer parte do projeto. No entanto, segundo Lando (2002), ao chegarem em Sinop, o viés **Econômico** não se configurou como o propagado pelas empresas colonizadoras:

Houve a desilusão dos pioneiros em relação à agricultura, devido a vários fatores naturais como o clima e o solo, que eram inadequados para as culturas agrícolas conhecidas pelos colonos. Houve a desilusão devida a fatores econômicos: a grande maioria dos migrantes não tinha capital para aplicar nas plantações, sendo necessário recorrer a empréstimos bancários, dando a terra como garantia para os financiamentos. (LANDO, 2002, p. 19)

Assim para manter o Social, o Econômico teve de se reinventar, e em pouco tempo, a base da economia deixou de ser puramente a agricultura e foi direcionada

para uma matéria prima abundante até então: a madeira. Surge assim, a atividade madeireira em Sinop.

Nas palavras do madeireiro Diones podemos perceber a descrição do cenário nos primeiros momentos do desenvolvimento da atividade: “A tecnologia era um tratorzinho, quando não era no próprio braço, o guinchozinho ali, era tudo bem simples, bem artesanal. Não tinha energia, 50% do dia era sem energia, se trabalhava mais a noite, ne. Era muito, muito difícil. Não tinha estrutura”. Souza (2001) afirma que:

O setor industrial madeireiro sinopense, se responsabilizou pelo aproveitamento da matéria-prima extraída da floresta, e demonstrou que a ocupação do norte mato-grossense criou condições, não somente para produção de cereais, como também para a exploração e industrialização da madeira, que nos últimos anos – a partir de 1983 – se tornou o produto de principal comercialização. (SOUZA, 2001, p. 145).

Com o viés econômico reestruturado, tendo como principal atividade o setor madeireiro, a colonização pode sustentar o Social, pois, a extração da madeira gerava arrecadação e empregos. Segundo Souza (2001, p. 151) “O setor madeireiro em Sinop absorveu (e absorve) pessoas pobres, sem emprego e sem qualificação, que por muito tempo se deslocaram para esta região em busca de melhores condições de vida para sua família”.

As madeireiras viveram o auge econômico e social, mas com a escassez da matéria-prima, afinal a floresta não é um recurso que se renova tão rápido e as mudanças na legislação tornaram a atividade mais engessada e é aqui que o **Ambiental** força o setor a se readequar. O madeireiro Diones detalha como vê a situação:

Porque antigamente era integrar para não entregar, ne, hoje em dia eu acho que a porcentagem que você tem pra abrir uma área é muito pouca. Hoje eu acho que poderia ser aberto um pouco mais, por exemplo, hoje em dia você tem uma área de mil hectares você só pode abrir duzentos e esses oitocentos você vai deixar com mata. Você pode fazer o projeto nela, só que daí você só pode voltar nesse projeto desses oitocentos hectares após 30 anos, ou 35 anos se não me engano que você pode voltar nesses oitocentos hectares. Então, fica praticamente inviável esse cuidado com esses oitocentos hectares e você fica só com esses duzentos abertos. Então, eu acho que é muito pouco a porcentagem que você deixa aberto pra cuidar de uma área e aí o que acontece, o pessoal antigamente ia abrindo, só que agora com as leis mais severas aí parou, agora é 100% legal.

Com isso, ao longo dos anos, muitos pioneiros, empresários do setor, migraram para outras áreas, entre elas o agronegócio que desponta como um novo pilar da economia em Sinop, bem como outras atividades. Prática que é confirmada ainda por Diones:

Eu tô na esfera de madeireiro ainda, focado como madeira. A madeira ela tem um limite nela porque depois você fica uma fábrica grande, vira um

elefante branco, sabe. Você vai se enchendo de máquina, Então assim, pretendo sim, passar pro meu filho o ramo da madeira, porém, talvez, outros investimentos, construção civil, hoje eu penso a própria pecuária, a própria lavoura eu particularmente não me vejo trabalhando com lavoura e nem com gado. Eu me assim na cidade, no urbano, então construção civil.

Segundo Huber e Coy (2017, p. 12) o setor florestal em Sinop, assim como o de diversas regiões do país, precisou de reestruturar e nesse processo a política ambiental teve um impacto forte para o setor. Com as mudanças muitos atores do setor florestal atuaram defensivamente e fecharam as portas. O entrevistado, Diones, afirma que o Ambiental cria para o madeireiro uma visão que é dicotômica, e em seus discursos eles se reconhecem ora como Vilão, ora como Guardiã dessa floresta:

VILÃO - Tirar árvore madura de dentro, árvore comercial, respeitando as árvores finas, pequenas e preservando a madeira, preservando a floresta. Deixando que ele regenera, cuidando dela pra não entrar fogo também, essas coisas aí. E esse trabalho vem do CIPEM, do Sindicato. Hoje você vai em São Paulo o Madeireiro ele tem a imagem de que põe fogo, devastação, como vilão. Essa imagem não é madeireiro. O que nós precisávamos era alguém comprar a nossa ideia e a nível nacional fazer um trabalho e mostrar quem tá acabando, mas porque ninguém faz isso, porque o próprio madeireiro vira agricultor.

GUARDIÃO - Que nós precisamos, que toda vez que nós formos defender a nossa história, toda vez que nós queremos projetar o nosso futuro, nós temos que ter argumentos pra isso. O livro, a Saga dos Guardiões da Floresta, o segundo livro que foi escrito e vários outros projetos só mostraram isso pra nós. Que nós não conseguiríamos chegar até aqui, ter avançado o quanto nós avançamos, se nós não tivéssemos nos preocupado em tirar todas as dúvidas dos algozes, se a gente não tivesse se preocupado em falar “pera aí, não é assim como vocês estão falando” precisamos e guardamos a floresta, nós não somos os vilões e não só falamos, nós vamos mostrar que nós não somos.

E é dentro desse contexto que passamos a analisar e buscamos compreender como se dá a formulação “Guardiões da Floresta”, defendidas pelo Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso (Sindusmad) e replicada pelos madeireiros entrevistados.

DE VILÕES A GUARDIÕES – O DISCURSO DO SETOR DE BASE FLORESTAL EM SINOP, MATO GROSSO

Trabalhar com a Análise do Discurso é assumir que os fatos de linguagem devem ser compreendidos na relação dos sujeitos com o mundo. Operacionalizar os conceitos de uma teoria materialista histórica é entender que os sentidos são afetados pela exterioridade que determina os sujeitos e seus dizeres. Seguindo os pressupostos de Michel Pêcheux (2014) entendemos o discurso como efeito de

sentidos entre os interlocutores, no encontro entre o atual e a memória. A Análise do Discurso materialista histórica é, assim, uma disciplina que trabalha a opacidade do dizer, a intervenção do político, do ideológico, ou seja, “o fato mesmo do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique” (ORLANDI, 2004, p. 20).

O discurso é, então, “o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”, conforme Orlandi (2015, p. 15), tendo em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso procura dar conta da linguagem desde a mente até o uso, entendendo que palavras mudam de sentido dependendo de quem as diz e como as diz.

Para Pêcheux (2014, p. 147), se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes é porque uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Os sentidos são determinados por posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico. “Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas” (ORLANDI, 2015, p. 28). Então, quais são os sentidos para a formulação ‘guardiões’ quando utilizada como forma de identificação pelos madeireiros do Norte de Mato Grosso?

Sabendo que para a Análise do Discurso, as palavras não têm apenas um sentido ligado à sua literalidade, recorreremos ao Dicionário Aurélio Online para observação de sentidos possíveis para ‘guardiões’ e encontramos: superior religioso de alguns conventos, notadamente os da ordem franciscana, pessoa que, por forte afeição, defende aguerridamente algo ou alguém; protetor, conservador, depositário, pessoa que acompanha outra para protegê-la de agressões; guarda-costas.

Os sentidos de defesa, proteção e conservação também podem ser percebidos no dizer dos madeireiros.

Porque nós dependemos da floresta, nós cuidamos da floresta, se respeitar as regras, nós sempre vamos ter madeira. Se algumas essências dentro do mato, não são comercializadas hoje, possivelmente algum dia serão, então, nós somos os **guardiões** da floresta, os madeireiros. (Dionis, madeireiro)

Percebemos no dizer de Diones, que ser guardião da floresta é respeitar regras que garantam a manutenção de espécies para que a atividade madeireira perdure. Diones é neto de madeireiro. O avô desenvolvia a atividade na cidade de Blumenau, em Santa Catarina. Na década de 1990, com a morte do progenitor, o pai de Diones decide investir no setor madeireiro em Mato Grosso, onde passa a viver com a família. A empresa é assumida por Diones, nos anos 2000. A atividade de extração de madeira é um negócio familiar que atravessa gerações. O dizer de Diones é tomado por sentidos. É constituído pela história, pela memória, “pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que se vai historicizando aqui e ali”, como explica Orlandi (2015, p. 30).

O discurso de Diones resulta de uma posição ideológica. O madeireiro, considerado por alguns como sendo o desmatador, aquele que irá acabar com as florestas brasileiras, significa-se como o contrário, como o responsável pela

manutenção desse sistema ambiental. São sentidos que se deslocam uma vez que, para a Análise do Discurso, “a ideologia é o processo de produção de um imaginário, é uma interpretação particular que atribui sentidos fixos às palavras, em um contexto histórico” (ORLANDI, 2007, p. 96-97).

Na mesma perspectiva, Mariani destaca que a ideologia “não é a máscara ou ocultação, mas sim o resultado da interpelação dos sentidos em uma dada direção” (MARIANI, 1999, p. 108). Assim, a formulação ‘guardiões’ produz efeitos segundo a ideologia. Compreender os madeireiros como guardiões da floresta, nos seus dizeres, é possível ao se recorrer ao conceito de formação discursiva, aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 2014, p. 147). É O lugar de onde fala o madeireiro que constitui o sentido para guardião da floresta.

Podemos observar o funcionamento da formação discursiva no recorte abaixo retirado da fala de outro madeireiro, Felipe Antonioli.

Eu acho que o manejo florestal é grande **guardião** da floresta. O manejo vem a suprir a necessidade da floresta. A floresta é uma sociedade, ela envelhece e a sociedade morre e a floresta morre também. Se você não colher aquelas árvores que já estão velhas, que já estão maduras, que estão em ponto de abate vai se tornar uma floresta velha. Eu vejo com esses olhos e tem vários projetos que mostram que tem que se fazer o abate dessas árvores, senão elas apodrecem e perdem um sentido ali, perdem o valor agregado nela. Então, você abate uma árvore, num projeto de manejo, cria luminosidade para outras árvores menores crescerem, então o manejo florestal é o grande **guardião** da floresta. Vejo e acredito fielmente nisso. (Felipe Antonioli, madeireiro)

Vemos, no dizer de Antonioli, que guardar a floresta é retirar algumas árvores para garantir que outras se desenvolvam. Guardar a floresta não é deixá-la intocável. É realizar o manejo florestal com o objetivo de promover a existência de novas árvores que possam ser abatidas no futuro, garantindo recursos para que a atividade madeireira perdure. O avô, o pai e os tios de Antonioli são madeireiros. Uma atividade que para eles se iniciou no Rio Grande do Sul, migrou para o Paraguai e, na década de 1980, passou a sustentar a família em Sinop. Antonioli abriu sua primeira madeireira, seguindo os passos dos familiares, em 2008.

Considerando que os sentidos são produzidos na relação entre discursos, em um movimento, vemos que os sujeitos madeireiros são interpelados pelo discurso, ocupando uma posição dada por sua formação discursiva.

De modo correlato, se se admite que as *mesmas* palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra, é necessário também admitir que palavras, expressões e proposições *literalmente diferentes* podem, no interior de uma formação discursiva dada, “ter o mesmo sentido” (PÊCHEUX, 2014a, p. 148)

A formulação Guardiões da floresta pode significar manter as árvores intocadas, por exemplo, no dizer de alguma formação discursiva, mas para os madeireiros, aqui representados por Diones e Antonioli, ela carrega o sentido de

manutenção de uma atividade econômica que depende da interferência na floresta para existir. Guardiões da floresta tem o mesmo sentido para ambos madeireiros, no interior da sua formação discursiva. E os sentidos só podem ser esses para eles.

Ao falarmos sobre os madeireiros da região médio-norte de Mato Grosso, falamos sobre um setor decisivo para o povoamento do Estado e com uma função além de social, economicamente determinante, em uma sociedade capitalista. Lagazzi (1988) explica que “forma-sujeito” é a expressão empregada por Pêcheux para designar o “sujeito ideológico”, a forma de existência histórica de cada indivíduo, agente das práticas sociais, e a linguagem é “lugar de poder e de tensão”, que oferece recursos para jogar com esse poder e essa tensão.

O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinante (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não-contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e de controle (por) sua vontade. Não só dos outros mas até de si mesmo” (ORLANDI, 1999, p. 22)

Assim, o sujeito-de-direito, na sociedade capitalista é aquele que centra suas atividades em si mesmo, com suas próprias motivações. E a sociedade capitalista é constituída por esses sujeitos em relações hierarquizadas, permeadas por deveres e direitos. “O discurso cotidiano carrega as marcas da ordem cotidiana [...] a maneira pela qual o sujeito se coloca no discurso, como ele lida com a tensão constitutiva das relações interpessoais, com seus direitos, deveres e responsabilidades” (LAGAZZI, 1988, p. 47). O sujeito é, então, o resultado de um assujeitamento ao simbólico pela ideologia e de um processo referido pelo Estado. No caso do sistema capitalista, é um indivíduo livre de coerções e responsável, que deve responder como sujeito de direitos e deveres frente ao Estado e aos outros homens e o assujeitamento ao simbólico é o que torna possível a resistência, a contradição ou não do sujeito ao modo pelo qual o Estado o individualiza.

UMA FLORESTA PARA CHAMAR DE MINHA – EXPLORAR É MANEJAR

É na formação discursiva dos madeireiros que a expressão ‘Guardiões da floresta’ ganha seu sentido e tenta, através das relações de força e poder, “estabilizar-se” em outras formações discursivas. Pêcheux (2014a) chama de processo discursivo, o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc., que ao funcionar abre a possibilidade do efeito metafórico, do deslize dos sentidos. Sobre esse efeito, Orlandi (2015b) explica que não há sentido sem a possibilidade de deslize, de transferência, sem interpretação, podendo todo enunciado tornar-se outro, diferente de si mesmo. “O deslize, próprio da ordem simbólica, é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade” (ORLANDI, 2015b, p. 31).

Nessa perspectiva, Pêcheux e Léon (2015, p. 164) afirmam que através da Análise do Discurso compreende-se ser possível “cercar o sentido de uma sequência (de extensão indeterminada) por meio de suas possibilidades de substituição, comutação e paráfrase”, colocando sequencias em relação.

Ao observarmos o discurso dos madeireiros, percebemos a recorrência do sentido de floresta como matéria prima para obtenção de lucro, para manutenção de um segmento econômico da sociedade. Ainda que floresta pudesse ser significada em uma perspectiva ambientalista.

Quando pensamos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites entre o mesmo e o diferente. Daí consideramos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2015a, p. 34)

Percebemos, então, um processo parafrástico no discurso dos madeireiros, no qual o dizer sedimentado é o de que é preciso manter as florestas, mas não sem a interferência do madeireiro. Explorar a floresta é manejar, guardar a floresta para o futuro, garantindo o sustento da atividade madeireira hoje e para as próximas gerações. A floresta, por sua vez, significa, no discurso dos madeireiros, como matéria prima de um setor da economia. Há um retorno ao mesmo espaço dizível.

Orlandi (1998) explica que a paráfrase está do lado da estabilização. As mesmas palavras com o mesmo sentido em relação a diferentes locutores; as mesmas palavras com os mesmos sentidos em relação a diferentes situações, palavras diferentes com mesmo sentido em relação a diferentes locutores e palavras diferentes com o mesmo sentido em relação a diferentes situações.

Temos a repetição do mesmo (paráfrase) pelos madeireiros para a promoção do diferente (polissemia), do novo, que poderá ser produzido por aqueles que não são madeireiros, mas que estão em contato com o projeto de marketing promovido pelo Sindusmad. A polissemia e, assim, a possibilidade de um deslocamento. “A tensão constante com o que poderia ser” (ORLANDI, 2006, p. 137), mexendo na rede de filiação de sentidos, em busca de uma imagem positiva para o setor.

A polissemia representa a tensão estabelecida pela relação brasileiros/floresta/meio ambiente/economia. Um novo sentido possível para os madeireiros na população da região médio-norte de Mato Grosso, na sua relação com a história e com a língua, entendendo que a polissemia é possível no contato dos sujeitos de linguagem com a campanha institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo coloca em discussão o papel desempenhado pelo setor madeireiro em Sinop, norte de Mato Grosso, desde a década de 1970 até os dias de hoje. Tomamos como referência a Sinop e suas transformações a partir dos anos de 1960, quando o país, governado por militares, planejou e executou um projeto de Integração Nacional, conhecido como: “Amazônia - integrar para não entregar”. O breve histórico mostrou como as bases Social, Econômica e Ambiental moldaram a atividade de

ocupação, bem como a madeireira, objeto de estudo deste texto. Analisamos a formulação Guardiã da Floresta – criada e propagada pelo Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso (Sindusmad). Bernardes (2006) explica que houve mudanças significativa ocorridas a partir desse processo:

A partir de Sinop, envolvendo um conjunto de municípios como Vera, Cláudia, Santa Carmem, entre outros, encontra-se a as transformações em curso nessa área trazem determinações novas, gerando espaços com atividades com alto nível tecnológico, com consequências marcantes na organização territorial das atividades, recursos e população da região, significando substituição de atividades tradicionais." (BERNARDES, 2006, p. 18)

Pelo exposto ao longo do texto, Sinop e sua colonização enfrentou problemas quanto a definição de um modelo econômico possível para as condições da época. Para ocupar atraem colonos para cultivar a agricultura, atividade que não vingou no município. Como alternativa desenvolve, então, a atividade madeireira como alternativa para o desenvolvimento econômico e, atualmente, enfrenta limitações, sejam elas pelas legislações ambientais ou por novas atividades, como o agronegócio, por exemplo.

No âmbito ambiental e perante a sociedade ora o setor é visto como Vilão, ora como Guardiã das florestas de onde extraem suas manutenções. Segundo os madeireiros entrevistados, "Não tem sentido o que eles falam. Madeireiro não quer acabar com a floresta, ele é madeireiro, ele vai fazer o que? Ele vai serrar capim?" e afirmam que quem acaba com a floresta não é o madeireiro, que "alguns saem do ramo da atividade madeireira, porque sobrou a terra, ele fez o pé de meia, ele formou ela e tá vivendo hoje da pecuária ou da agricultura. Agora, quem nunca foi madeireiro, que sempre foi pecuarista ou lavoureiro é que pode tá acabando com a floresta."

Embora a formulação "Guardiões da Floresta" demonstre a preocupação tanto com a imagem, quanto para a preservação econômica do setor, tentando se colocar como sustentável por meio do manejo florestal, as entrevistas e bibliografias consultadas revelam a ideia de geração de riqueza a partir da extração da madeira de modo rápido, fazendo com que o madeireiro em alguns momentos possa vir a agir ora como Vilão, ora como Guardiã.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Júlia A. **Circuitos espaciais da produção na fronteira agrícola moderna: BR-163 matogrossense**. In: BERNARDES, Júlia A.; FREIRE FILHO, Osni L. (orgs.) Geografias da soja: BR-163: fronteiras em mutação. Rio de Janeiro: Arquimedes edições, 2006, p. 01-37.

HUBER, Christoph. COY, Martin. **O Setor Florestal na Amazônia no caminho para o desenvolvimento sustentável? o estudo de caso: polo madeireiro de**



Sinop/MT. In VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2017, Santa Cruz do Sul. UNISC, 2017. p. 02-16.

LAGAZZI, Susy. **O desafio de dizer não.** Campinas, SP: Pontes, 1988.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LANDO, Janice. **O ensino de Matemática em Sinop nos anos de 1973 a 1979: Uma História Oral Temática**, 2002. 168 f. Monografia (Especialização em Matemática) Universidade do Estado de Mato Grosso, 2002.

MARIANI, Bethania. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: A Revolução de 30. IN: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p.102-121.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

OLIVEIRA, Cristiane. **A Saga dos Guardiões da Floresta: Uma Viagem Emocionante à História do Setor de Base Florestal de Mato Grosso.** Sinop: Print, 2011.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** 12.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6.ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

_____. **Discurso e Leitura.** 4.ed. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 5.ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

SOUZA, E. **Relatos, Imagens: história de Sinop**, 2001. 276 f. Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2001.

VILARINHO NETO, Cornélio Silvano. **Metropolização regional, formação e consolidação da rede urbana do Estado de Mato Grosso.** São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002. 367p. (Tese, doutorado em Ciências Sociais: Geografia Humana).



WEISSHEIMER, Luiz Fellipe Leal. **Panorama do Setor Madeireiro do Estado de Mato Grosso no período de 2007 – 2010.** 2012. 35 f. Monografia (Graduação em Engenharia Florestal) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.